

Tempos mais difíceis para a eletroeletrônica

por Márcia Raposo

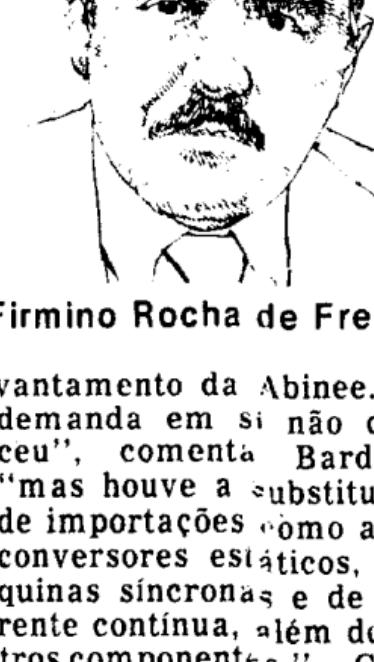
Se as medidas oficiais de contenção econômica dos dois últimos anos não resultaram, na prática, em prejuízos para a indústria eletroeletrônica, não há motivos para supor problemas maiores com o seu desempenho em 1981. Pelo menos por enquanto.

No ano passado, o crescimento setorial de 9%, sobre os 10% registrados em 1979, decorreu de certa euforia na procura por bens duráveis que perdurou até o final do ano. Os próprios fabricantes de aparelhos eletroeletrônicos domésticos, portáteis ou não, diagnosticam as causas: os ganhos reais obtidos nas negociações por reajustes salariais paralelos ao ritmo inflacionário crescente incentivaram a antecipação de compras dos assalariados. Também os consumidores situados em patamares mais elevados da classe média, desestimulados com a baixa remuneração das cadernetas de poupança e dos títulos de renda e obrigados a passar mais tempo em casa, devido ao preço dos combustíveis, trataram de aumentar seu conforto doméstico. Além disso, houve a expansão física do mercado interno de eletrodomésticos, graças à continuidade dos planos de eletrificação rural, que abrangem principalmente as regiões Sul-Sudeste do País, exatamente as de maior renda per capita interna. "E há ainda outra razão para o crescimento de 20 e 15%, respectivamente, para aparelhos eletrodomésticos portáteis e eletrônicos domésticos", lembra Firmino Rocha de Freitas, presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee). "As exportações também cresceram muito, especialmente as de televisores em cores para a Argentina, antes das barreiras alfandegárias impostas pelo governo argentino."

Freitas, entretanto, prevê um desempenho inferior ou igual volume físico de 1980 para este segmento. "Não há dúvida de que a campanha pela poupança interna vai afetar as vendas de eletrodomésticos. Já se sente isso no comércio atualmente", argumenta. "Mas não acredito que isso vá levar a uma queda de encomendas, porque não é objetivo do governo provocar uma recessão."

Na verdade, também não há indicadores de recessão para os fabricantes de equipamentos industriais eletroeletrônicos em 1981. Segundo um levantamento feito recentemente pelo Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI), este segmento será um dos mais bem aquinhoados com as novas encomendas, que deverão ser feitas neste ano pelas empresas estatais, especialmente aquelas ligadas à Eletrobrás. "E as encomendas das estatais representam de 70 a 75% da demanda deste segmento", lembra Sérgio Antônio Bardella, diretor-presidente da Bardella Borriello e coordenador do setor de equipamentos industriais eletroeletrônicos da Abinee. "Existem obras enormes, como Itaipu e as do Pontal de Paranapanema, que temos de acabar." Mesmo assim, Bardella acredita que 1981 será pior que 1980. "Onde brigavam dois vão brigar quatro ou cinco, e com isso a lucratividade vai cair."

Em 1980, este segmento alcançou um crescimento global de 14%, segundo o le-



Firmino Rocha de Freitas

vantamento da Abinee. "A demanda em si não cresceu", comenta Bardella, "mas houve a substituição de importações como as de conversores estáticos, máquinas síncronas e de corrente contínua, além de outros componentes." Como no ano passado, as indústrias desta área temem os atrasos de pagamento pelas estatais, e muitas delas tiveram problemas de capital de giro e foram forçadas a recorrer a créditos suplementares até externamente. "O endividamento aumentou e deverá ser pior este ano, pois os juros são escochantes e os resultados dos balanços das empresas não serão bons", afirma Bardella.

Para contornar os problemas internos, estas indústrias vão concentrar atenção nas exportações. "A meta é exportar. Vamos fazer o possível e o impossível para aumentar nossas vendas externas", conta Bardella. "Apesar das nossas limitações, porque o Brasil não tem tradição nenhuma nesta área, internacionalmente."

Estas dificuldades encontradas no mercado externo terão de ser contornadas também pelo setor de telecomunicações, porque as perspectivas internas não são boas. "Há nove anos que dizemos a mesma coisa", lamenta Luiz Carlos Bahiana, diretor-presidente da Equitel e coordenador do departamento de telecomunicações da Abinee. "Os investimentos da Telebras foram reduzidos em 15%. Vão ser Cr\$ 138 bilhões este ano, enquanto no ano passado eram de Cr\$ 138 bilhões."

Bahiana prevê que em 1981 se repetirão os resultados de 1980: crescimento zero e ociosidade ao redor de 40%. "As duas coisas positivas que aconteceram neste ano foram: primeiro, as empresas estatais deverão programar seus investimentos preferencialmente com recursos próprios, o que de certa forma garante o pagamento aos fornecedores; segundo, as estatais deverão orientar o setor privado — os fornecedores — no planejamento da sua produção, com base nas suas encomendas. Mas de encomendas efetivas ainda não temos notícia, só no final de fevereiro." Uma política mais real quanto aos aumentos das tarifas poderia resolver o problema da receita própria das empresas de telecomunicações, mesmo a médio prazo, na opinião do diretor da Equitel. "Ou então que os recursos do Fundo Nacional de Telecomunicações fossem aplicados no setor, porque, na verdade, parte dos problemas do setor decorre de uma distorção da destinação desses recursos que provêm dos assinantes e que são aplicados em outras áreas", critica Bahiana.

A grande esperança deste setor em 1981 é que a Telebrás deverá contratar 400 mil novos terminais telefônicos. "Isto depois que estiver superado o problema orçamentário da Telebrás."